

# Mais de 6 mil jovens feridos em acidentes

*No Estado, até agosto deste ano, foram 11 mil acidentes com jovens. No Rio, cinco morreram na volta de boate no último dia 3*

A discussão sobre o uso de álcool por jovens na madrugada reacendeu depois do acidente ocorrido no último dia 3, na Lagoa, zona Sul do Rio de Janeiro, quando cinco jovens, entre 16 e 22 anos, morreram na volta da boate Sky Lounge.

No Espírito Santo, mais de seis mil jovens se envolveram em acidentes este ano, de janeiro a julho, segundo dados do programa Madrugada Viva, criado em 2004 e que resultou na redução de até 50% no número de acidentes na saída de bares e boates na Grande Vitória.

As estatísticas do Batalhão de Trânsito mostram que de janeiro a agosto deste ano, 18 mil motoristas se envolveram em 11.640 acidentes nas rodovias estaduais.

Desse total, 6.871 são jovens na faixa entre 18 e 29 anos. Dos 100 mortos, 35 são jovens e dos 3.989 feridos, 1.656 têm menos de 30 anos.

Neste feriadão da Independência, o Batalhão de Trânsito continua fazendo blitz na Rodovia do Sol (ES-060) e na ES-010, que percorre o litoral Norte. No alvo dos policiais estão motoristas embriagados ou que trafegam em velocidade acima da permitida para a via.

O tenente Robledo Moraes Peres de Almeida, supervisor de policiamento do Batalhão de Trânsito, informou ontem que os policiais estão sempre atentos a saídas de bares e boates.

O tenente contou que muitos jovens já estão conscientes da necessidade de contratarem serviços de van e táxi para a volta da balada ou de passarem a chave para quem não bebe.

O tenente ressaltou que a polícia está conseguindo autuar até mesmo aqueles motoristas alcoolizados que se recusam a fazer o exame etílico.

“Por uma mudança na lei, nós tomamos depoimento de duas ou três testemunhas de que o condutor do veículo está embriagado e o autuamos da mesma forma”, afirmou o tenente, citando a Lei 11.275, de 2006.

No Rio, os jovens morreram no violento impacto do Honda Civic em que estavam, que se descontrolou e bateu numa árvore na avenida Borges de Medeiros. Nenhum deles usava cinto de segurança.

O Instituto de Criminalística Carlos Éboli está fazendo perícia para determinar se os jovens tinham usado álcool. Segundo exames preliminares, o automóvel deveria estar a pelo menos 100km/h, numa via onde o limite é 70km/h.



O Honda Civic em que estavam os cinco jovens ficou completamente destruído

## Tragédia ganha destaque no Orkut

RIO – Depois do acidente que matou cinco jovens que tinham acabado de sair de uma boate, discussões sobre a mistura de bebidas alcoólicas e direção tomaram conta das páginas do site de relacionamentos Orkut.

“Se beber, não dirija” era a frase mais repetida até mesmo nas comunidades (ambientes para discussão de temas) criadas para exaltar o consumo de cerveja, uísque e cachaça. Em várias comunidades foi colocada uma faixa preta em sinal de luto.

Morreram no acidente: Ivan Rocha Guida, 18, que dirigia o Honda Civic; sua namorada, Ana Clara Rocha Padilha, 17; Manoela de Billy Rocha, 16; Joana Kuo Chamis, 17; e Felipe Tavares de Azevedo, 22.

O debate sobre a ingestão de álcool foi estendido aos perfis ainda mantidos no ar dos jovens mortos. Cada um recebeu de duas mil a quatro mil mensagens de saudades e pêsames.

Em muitos recados deixados nas páginas dos jovens, adolescentes mostravam-se chocados com o acidente. Lembavam dos amigos cheios de vitalidade.

Algumas discussões acabaram gerando bate-boca entre os in-



A missa de sétimo dia de uma das vítimas reuniu 500 pessoas

ternautas, divididos na tentativa de entender os motivos que levaram Ivan a perder a direção do carro naquela noite.

Em uma das páginas internautas criticam a presença de menores na boate carioca Sky Lounge, de onde voltavam os jovens mortos no acidente.

“Se a lei fosse cumprida, eles estariam em casa. Além disso, se os adolescentes não consumissem bebidas alcoólicas, teriam o bom senso de ver que o motorista não estava apto a dirigir”, opina o autor da página.

Apesar de jovens terem aderido a uma série de comunidades voltadas para o consumo de bebidas – somente Felipe tinha 30, incluindo “Eu já entrei em coma alcoólico” –, a família de Ivan garantiu que o filho não pode ter bebido muito naquela noite porque estava fazendo uso de antibióticos.

Na última sexta-feira, a missa de sétimo dia de Felipe reuniu cerca de 500 pessoas. A cerimônia aconteceu na Igreja Santa Mônica, no Leblon, e terminou em clima de comoção.

## Especialistas defendem pais

RIO – Ao comentar o acidente de trânsito que matou cinco jovens no último domingo na Lagoa, a juíza da 1ª Vara da Infância e da Juventude do Rio, Ivone Caetano, chamou de negligentes os pais que não vigiam seus filhos.

A declaração causou polêmica entre especialistas que trabalham com jovens e adolescentes.

Para a psicóloga Sandra Salgado, do Instituto de Psicoterapia Comportamental, não se pode culpar os pais por tragédias desse tipo.

Segundo ela, adolescentes e jovens têm características próprias, entre as quais ela destaca a imaturidade e a imprudência:

“Tenho uma clínica especializada em teste psicotécnico para pessoas que vão tirar carteira de motorista e vejo que muitos candidatos de 18 anos estão despreparados para dirigir, porque são muito imaturos e estão em fase de afirmação. A velocidade dá

poder e eles se sentem poderosos. Associado ao álcool, isso dá um binômio perigoso”.

A psicanalista Alice Bittencourt, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio, também não concorda com as declarações da juíza:

“Na verdade, o que falta é diálogo entre pais e filhos. Acho complicado culpar os pais por não tomarem conta ou por não vigiarem seus filhos, como eu já li em relação a esse acidente. A coisa não é tão simples assim. Muitas vezes eles não sabem como fazer. A questão não é o tempo que eles (os filhos) passam fora, mas o tempo que eles passam juntos”.

O educador João Pessoa de Albuquerque, presidente da Associação Brasileira de Educação (ABE), também evita culpar os pais: “A vigilância paterna tem limites. O problema não é saber onde o filho está. A mocidade sente uma atração irresistível pela emoção. A melhor coisa que se pode fazer nesses casos é alertar”.

## Madrugadas regadas a bebida

RIO – O elixir da noite, uma mistura de vodka com Sprite, é bebido num copo grande de refrigerante. Nos intervalos, uma latinha de energético. O papo inteligente do estudante de Direito Filipe Trino, 20, no entanto, nada tem a ver com as muitas garrafas que esvaziou e deixou no chão, num posto de gasolina em Ipanema, no Rio.

Apesar de sua inteligência, Filipe – que, na última quinta-feira de madrugada, fazia discurso contra a hipocrisia e debochava de si mesmo fazendo um 4 para provar que estava “legal” – acabou se despedindo de mais uma noite, viajando de carona no carro de amigos igualmente alcoolizados.

Isso tudo, quatro dias depois de cinco jovens morrerem num trágico acidente de carro na Lagoa. Eram 3 horas quando ele des-

fendeu seus argumentos contra a generalização.

“Essa conversa de que o jovem sai, bebe muito e bate com o carro do pai voltando para casa é hipócrita. Se, como mostram as estatísticas, uma parte dos acidentados é de jovens, eu pergunto: e a outra parte? Só pode ser de adultos que bebem e batem com o carro. É errado generalizar”, diz ele, primo distante de outro Felipe, um dos cinco jovens que morreram no acidente da madrugada de domingo passado.

A explicação fácil para os acidentes – de que os jovens se julgam invencíveis – não pode ignorar que muitos sabem exatamente o risco que estão correndo, são articulados e estão em universidades.

O subtexto é: qualquer cam-

panha educativa para reduzir o número de acidentes de trânsito precisa, obrigatoriamente, falar a linguagem dessa juventude, muito mais esclarecida e com acesso cada vez maior à informação.

O juiz Guaracy Vianna, da 2ª Vara da Infância e da Juventude do Rio, diz que montou uma equipe para fazer palestras sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas. Para ele, o melhor caminho é o da conscientização:

“Muitas vezes, eu dou ao jovem a possibilidade de trocar a punição por um tratamento contra o vício. Infelizmente, no caso do álcool, é mais difícil, porque é uma droga lícita e fico sem ter o que negociar. Nas classes mais favorecidas, principalmente, eles não bebem só cerveja, misturam uísque, todo tipo de destilado”, observa o juiz.